

## ORIGEM DAS LETRAS

### Antenor Nascier

A escrita começou pelo desenho.

Os homens desenhavam de modo mais ou menos grosseiro os objetos, os animais, etc.

E' a chamada escrita pictográfica, muito em voga entre os índios da América do Norte.

Veio depois o pensamento de figurar as idéias abstratas pelos objetos que tinham maior analogia com as idéias a representar.

E' a chamada escrita ideográfica.

Ambas as escritas eram insuficientes porque exprimiam idéias e não sons e eram por conseguinte independentes da linguagem falada.

A insuficiência do sistema ideográfico levou ao sistema fonético. Era preciso um sistema que levasse em conta a linguagem, isto é, que lembrasse ao ouvido os sons significativos das palavras.

Criou-se primeiro um sistema que tem certa analogia com aquilo que os charadistas chamam enigma pitoresco.

Cada sílaba era representada por um sinal, ficando silábica a escrita, daí chegando-se ao alfabetismo, onde se deu a decomposição da sílaba em letras, com a representação separada de cada letra.

Dos quatro sistemas ideográficos, o chinês, o cuneiforme assírio, o hitita e o egípcio, êste é o único que nos interessa.

O egípcio participava de caracteres figurativos, cópia direta dos objetos; de caracteres simbólicos, que exprimiam por vários processos as idéias abstratas; de caracteres fonéticos que tinham um valor silábico ou alfabético.

Foram os fenícios, povo comerciante e navegador, frequentadores do mercado egípcio, que tiveram o mérito de criar um verdadeiro alfabeto.

Do sistema egípcio tiraram êles suas letras.

O alfabeto fenício tinha vinte e duas letras, consoantes e semiconsoantes.

As figuras destas letras podem ver-se na *Minerva*, de Gow e Reinach, 4a. edição, Paris, 1900, no *Nouveau Larousse Illustré*, s. v. **phénicien**, na *História do Oriente e Grécia*, de João Ribeiro, Rio, 1894, pág. 124, em *O idioma nacional*, de Antenor Nascentes, vol. II, pág. 15.

As consoantes fenícias representavam o esqueleto das palavras, de modo que, para se ler, precisava-se conhecer o sentido da frase. E' como se, em português tivéssemos, por exemplo, a palavra **pre**, que tanto valia para **parco** como para **perco** como para **porco**.

Os nomes destas letras são conhecidos através do hebraico, pois do fenício restam muito poucos vestígios vocabulares. Os trechos mais longos são o que consta da estela de Mesa, hoje no Louvre, e os versos púnicos do *Poenulus* de Plauto.

Os nomes das letras, a forma e a ordem ainda têm muito do original.

Do alfabeto fenício saiu o grego.

A tradição atribui ao fenício Cadmo, que veio estabelecer-se na Beócia, a introdução do alfabeto fenício na Grécia.

Heródoto, *Histórias*, V, 58, afirma ter visto em Tebas inscrições com letras cadméias, num total de dezesseis, semelhantes às do alfabeto jônio.

Coube aos gregos a idéia genial de representar as vogais.

Para isso, tomaram seis letras fenícias que não representavam som algum em grego.

Ao **alef** deram o valor de “alfa”; ao **hê**, o do “epsilon”; ao **vau**, o do “ypsilon”; ao **iod**, o do “iota”; ao **aim**, o do “omicron”. O **heth**, que marcava o espírito forte, passou a representar o “eta” e de uma modificação do ômicron saiu o ômega.

Ainda de letras disponíveis saíram o “teta”, do fenício *tet*; o “ksi”, do *samec*; as formas primitivas do “sigma”, mais tarde reduzidas a uma, do *tsade* e do *xine*.

Criou-se assim um alfabeto de vinte e uma letras com a fusão do *tsade* e do *xine*: alfa, beta, gama, delta, epsilon, digama, dzeta, eta, teta, iota, capa, lambda, mi, ni, ksi, ômicron, pi, capa, ro, sigma, tau.

Dêste alfabeto surgiram variantes, sendo as principais o jônio, de leste, e o calcídico de oeste.

Mais tarde juntaram-se as letras ípsilon (tirada do *vau* fenício) fi, qui, psi e ômega.

O alfabeto latino, donde vem o nosso, provém do calcídico, levado pelos colonos gregos de Cálcis, fundadores de Cumas, ao sul da Itália.

O alfabeto calcídico distinguia-se do jônio por vários traços. Manteve o digama, conservou o eta como sinal de aspiração, alterou a forma do lambda, dando-lhe a de L, suprimiu o ksi, conservou o copa, deu ao X o valor de ksi e ao psi o de kh.

A sexta letra, o digama, passou a representar o F latino.

A sétima representou algum tempo o s sonoro intervocálico, desaparecendo quando o rotacismo a tornou inútil.

A nona desapareceu por inútil, não havendo t aspirado em latim.

O ípsilon passou a representar o u.

No fim, ficou o X, que Quintiliano, *Institutiones oratoriae*, I, 4, chamou *nostrarum ultima*.

A terceira letra, o C, tinha o valor do gama calcídico (g). Quando passou ao valor do k, dêle se tirou para o valor de g, por meio de um traço diacrítico, outra letra, que tomou o sétimo lugar, no tempo do censor Appius Claudius Caecus.

Na coluna rostral de Duílio lê-se MACISTRATOS por MAGISTRATOS.

Conservou o valor primitivo em abreviaturas: C. (CAIUS), CN. (GNAEUS), etc.

O K, tornado inútil por ter sido dado ao C o seu valor, subsistiu como inicial de certos nomes (KALENDAE, KAESO, etc.).

Depois do ano 100 antes de Cristo, quando palavras gregas passaram a ser de uso freqüente em latim, juntaram-se ao alfabeto o **Y** e o **Z**.

Do alfabeto latino saiu o nosso, nas maiúsculas.

O hábito de escrever rapidamente, na prática dos negócios, deu nascimento a um tipo de escrita chamado cursivo, donde vêm as minúsculas.

No alfabeto latino o **I** valia tanto para a vogal como para a semiconsoante; o **V**, tanto para o **u** vogal como para o **u** semi-consoante. O **J** e o **U** vieram muito mais tarde, como será explicado no lugar oportuno.

Passemos a estudar cada letra de per si.

**A** — Esta vogal tem o valor de soletração que os romanos davam à primeira letra do alfabeto calcídico. Inicial de *alfa*, que vem do fenício “*alef*”, boi, cabeça de boi, e mhebraico *alef* (Sander e Trenel, *Dictionnaire hébreu-français*, Paris, 1859, designado doravante pelas iniciais *ST*).

A figura fenícia foi virada, pois as pontas eram para cima, um pouco à direita, e ao arredondado da cabeça se deu a forma de um triângulo.

No alfabeto fenício era o sinal do espírito forte, o qual os gregos aproveitaram para a vogal *a*.

**B** — O nome vem do valor de soletração que os romanos davam à segunda letra do seu alfabeto, correspondente à segunda letra do alfabeto calcídico. É o primeiro som do *beta*, que vem do fenício “*beth*”, em hebraico *beth*, casa (*ST*, 52, 63).

A forma é a mesma do alfabeto calcídico.

Os nomes das consoantes latinas se formavam, agregando um *e*, que nas oclusivas se pospunha (*dê*, *pê*, *kê*, *tê*) e nas demais frictivas, etc., se antepunha (*ef*, *el*, *em*, *en*, *er*, *es*). Daí *bê*. V. Niedermann, *Précis de phonétique historique du latin*, Paris, 1906, pág. 11.

Essas consoantes eram chamadas *mutae* (*quod per se sine adminiculo vocalium non possunt enuntiari*. Diomedes, I, pág. 423, 24 K).

**C** — Do valor de soletração do **C** palatalizado entre o século IV e o século VI, no latim vulgar, diante de *e* e de *i*.

Valia antes por um g velar (guê). Tomou depois o valor de **K** quando com uma alteração na forma passou a ocupar o sétimo lugar no alfabeto, em substituição ao desaparecido s sonoro, inutilizado pelo rotacismo no quarto século antes de Cristo.

A forma é a do gama do alfabeto calcídico, tal como se acha em algumas inscrições gregas do sul da Itália.

**D** — Do valor de soletração que os romanos davam à quarta letra do seu alfabeto, correspondente à quarta letra do alfabeto calcídico. É o primeiro som do grego delta, do fenício “**daleth**”, em hebraico **daleth**, porta da tenda, formada pelo afastamento das duas cortinas, criando um triângulo para a passagem das pessoas (ST, 112, 113, Isaia Levi fu Isacco, **Grammatica ed esercizi pratici della lingua ebraica**, 2a. edição, Milão, 1914, pág. 6).

Já com a forma atual no alfabeto calcídico das inscrições do sul da Itália.

**E** — Valor de soletração que os romanos davam à quinta letra do seu alfabeto. Vem do épsilon grego.

A quinta letra do alfabeto fenício era o “**hê**”, em hebraico **hê**, eis (ST, 133, 134, Levi, pág. 7). Indicava uma aspiração fraca e os gregos a aproveitaram para simbolizar a vogal e breve.

Na forma fenícia os três traços horizontais paralelos eram iguais e do lado esquerdo.

**F** — Os romanos pronunciavam os nomes das consoantes fricativas e contínuas sem vogal de apoio, antepondo um e. Até a segunda metade do quarto século eram **litterae per se nominativae sive quae per se prolatae nomen suum ostendunt**. (Charisio, I, pág. 9, 4 K e Prisciano, II, pág. 8, 10 K), como as vogais **a, e, i, o, u**, razão pela qual eram chamadas **semivocales**, por oposição às **mutae**.

Tem a forma do digama do alfabeto calcídico. O digama se perdeu e deixou um lugar vago que passou a ser ocupado por um som latino, o de **f**, que os gregos não possuíam. O fi era um **p** aspirado e não um **f**.

**G** — Do valor de soletração do **G** palatalizado, do IV do VI século no latim vulgar, diante de **e** e de **i**. Valia antes, sempre por um **g** velar, como ainda hoje antes de **a**, de **o** e de **u**.

Sua forma foi tirada da do **C**, com pequena alteração, no tempo do censor Apius Claudius Caecus.

O nome primitivo do **g** velar vinha do grego **gámma**, derivado do fenício “**guimel**”, em hebraico **guimel**, camelo (ST, 87, 107, Levi, pág. 6).

O sétimo lugar era ocupado por uma letra que representava o som do **s** intervocálico sonoro, desaparecido quando no século IV antes de Cristo se deu o fenômeno fonético do rotacismo (**honosis-honoris**).

**H** — O **H** era no alfabeto latino um símbolo de aspiração. Seu nome era **ah**, com **h**, aspirado.

Vem do fenício “**heth**”, em hebraico **heth**, cêrca (ST, 162).

Valia por uma aspiração forte no fenício e no grego antigo representou o **e** longo (**eta**) no alfabeto jônio, mantendo-se como aspiração no calcídico e passando assim ao latim.

Esta aspiração desapareceu na época pré-imperial. Catulo ridicularizou num epigrama um pedante que tinha a mania de aspirar. Escrevia-se contudo; seu valor seria meramente etimológico.

Na baixa época imitava-se artificialmente a aspiração pronunciando-a como um **k** (cfr. **nichil-nihil**), donde para o nome da letra a forma **ach**, que é a do catalão. (Spitzer, *Zeitschrift für Romanische Philologie*, XL, 218-20).

Em algumas partes se pronunciava **hacca**, donde o italiano **acca** e o francês **hache**. O espanhol **hache** vem do francês.

Meyer-Lüke, **REW**, 3965 e, não aceita a explicação de Spitzer porque deixa inexplicado o **a**.

A forma portuguesa “**agá**” seria outra imitação aproximada da pronúncia aspirada do **h**, segundo Juan Corominas, *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*, s. v. **hache**.

Nos primeiros tempos da nossa língua deixou de escrever-se. Assim, nos documentos mais antigos vê-se **omem**, **aver**, etc.

Mais tarde aparece nos grupos do **l** e do **n** palatalizados, **lh**, **nh**, tirados do provençal, e **ch**, do francês (século XII).

Na Renascença voltou o **h** etimológico: **homem**, **haver**, etc.  
A forma é a mesma do alfabeto calcídico.

**I** — Do valor de soletração que os romanos davam a esta vogal, primeiro som do iota grego.

Vem do fenício “**iod**”, em hebraico **iod**, mão, costas da mão (ST, 222, 226, Levi, pág. 10), em grego **iota**.

A forma é a mesma do alfabeto calcídico, que deu em latim o **I**, tanto vogal como semiconsoante.

**J** — Esta letra não existia no alfabeto latino.

Representa a consonantização do **i** semiconsoante do latim vulgar.

Foi criada pelo humanista francês Ramus (Pierre La Ramée, 1515-72) em sua gramática latina (1559), razão pela qual é chamada letra ramista.

Seu nome vem do grego **iôta**, através do latim **iota** por via erudita.

**K** — Esta letra desapareceu do nosso alfabeto mas ainda tem emprêgo nas abreviaturas do sistema métrico e na química.

Seu nome vem da primeira sílaba do grego **káppa**, do fenício “**caf**”, em hebraico **caf**, palma da mão (ST, 271, 297).

Já tinha desaparecido do alfabeto latino, conforme vimos, quando o **C** tomou o som velar surdo (kê), subsistindo em abreviaturas.

A forma é a do alfabeto fenício mas com as duas pernas para o lado direito, já assim no alfabeto calcídico.

**L** — O nome vem da pronúncia que os romanos lhe davam: **el**.

Vem do primeiro som do grego **lâmbda**, do fenício “**lamed**”, em hebraico **lamed**, agulhão (ST, 309, 371, Levi, pág. 12).

A forma é, com pequena alteração (base horizontal e não oblíqua), a do alfabeto fenício, mantida pelo calcídico, ao passo que o jônio usava de um **V** invertido.

**M** — O nome vem da pronúncia que os romanos lhe davam: **em**.

Vem do primeiro som do grego **my**, do fenício “**mem**”, em hebraico **mem**, água (ST, 330, 359, 361).

A forma é, com pequena alteração (igualação das quatro pernas), a do alfabeto fenício, mantida com pequena alteração pelo calcídico. Sugeria pequenas ondas.

**N** — O nome vem da pronúncia que os romanos lhe davam: **en**.

Vem do primeiro som do grego **ny**, do fenício “**nun**”, em hebraico **nun**, peixe (ST, 423).

A forma é a do alfabeto calcídico.

**O** — Do valor de soletração que os romanos davam a esta vogal.

No alfabeto fenício era o “**aim**”, em hebraico **aim**, olho (ST, 499, 524, Levi, pág. 14), uma velar de natureza especial. Não havendo êste som no alfabeto grego, os gregos aproveitaram o sinal para o **o** breve (ômicron).

A forma é a mesma do alfabeto fenício e do calcídico.

**P** — Do valor de soletração que os romanos lhe davam.

Vem do primeiro som do **pi** grego, do fenício “**pê**”, em hebraico **pê**, bôca (ST, 564, 568, Levi, pág. 14).

A forma, por incrível que pareça, não é a do **pi** do alfabeto calcídico e sim a do **rô** (**P**). O arredondado tinha uma abertura que desapareceu.

**Q** — O nome latino era **ku**, tirado do **kóppa** grego, alterado.

O grego vem do fenício “**cof**”, em hebraico **cof**, parte posterior da cabeça (ST, 628). O **copa**, que vinha entre o **pi** e o **rô** no alfabeto calcídico, desapareceu no jônio, ficando apenas como símbolo de numeração (900).

Em espanhol o nome é **cu** (Real Academia, s. v. **Q**) e êste também era o nome no português antigo. (... , pois esta **q** tem tão perversa natureza além do mau nome..., João de Barros, **Gramática da língua portuguesa**, 3a. edição, 1957, pág. 64). Por eufemismo, mudou-se o nome para **kê**.

A forma é a do alfabeto fenício, passando a linha reta vertical a ser um traço curvo horizontal, muito longo no primitivo alfabeto latino.

**R** — Os romanos chamavam **er**.

Vem do som inicial do rô grego, do fenício “**rex**” (com **x** chiante), em hebraico **rex**, cabeça, arco da cabeça (ST, 660, 684, Levi, 16).

Era o **r** simples, até no comêço das palavras.

A forma do rô foi aproveitada para o pê, de modo que houve necessidade de criar outra para o **r** e se pôs no **P** um traço diacrítico.

**S** — Os romanos chamavam **es**.

Vem do primeiro som do sigma do alfabeto calcídico. O nome grego é onomatopéico. Bailly, *Dictionnaire grec-français*, o filia ao verbo **sízo**, assobiar.

De fato, o **s** é uma sibilante. As formas do **tsade** e do **xine** fenícios concorreram para dar a do sigma e acabaram confundindo-se numa só. As curvas do nosso **S** devem ter resultado de alterações feitas pela escrita cursiva.

**T** — Do valor de soletração que os romanos davam à décima nona letra do seu alfabeto.

Vem do primeiro som do **tau** do alfabeto calcídico, do fenício “**tau**”, em hebraico **tau**, cruz (ST, 775).

O sinal fenício era de fato uma cruz grega. Tirou-se a parte da haste vertical acima da barra horizontal e alongou-se para baixo a haste vertical. Era assim o **T** do alfabeto calcídico.

**U** — Do valor de soletração que os romanos davam a esta vogal.

Vem do ípsilon do alfabeto calcídico, ainda com o valor de **u** (cfr. **porphyra-purpura**, **tymbos-tumba**, etc.).

A forma latina era **V**, que não provinha do alfabeto calcídico. Proveniente talvez do alfabeto etrusco, **Y** sem a haste.

Ainda aparece com êste valor de **u** em antigas inscrições, como por exemplo no sepulcro de Lucius Cornelius Scipio:

HONC OINO PLOIRVME CONSENTIONT R

DVONORO OPTVMO FVUISE VIRO (apud Serafino Ricci, *Epigrafia Latina*. Milão, 1898, pág. 142). Mais tarde a escrita uncial arredondou o ângulo inferior.

**V** — O latim não possuía êste som. Quando apareceu no latim vulgar, resultante da consonantização do **u** semiconsoan-

te (**uīnu** — **vinu**), com base neste som deram-lhe, por analogia, um nome analógico com o de bê, cê, dê, etc. O humanista Ramus, de que já falamos a propósito do **j**, ressuscitou o **V** para representar esta consonantização. V. Niedermann, *op. cit.*, pág. 10.

Embora nunca tivesse feito parte do alfabeto português, pois só aparece em palavras estrangeiras, o **W** merece citação porque faz parte de abreviaturas como a de oeste, a do tungstênio ou volfrâmio (alemão **Wolfram**) e a do watt. O **W** vem do **uu** das velhas escritas teutônicas e foi introduzido no inglês (**double-U**) pelos escribas franceses e no século XIII substituiu inteiramente a runa **wen**.

**X** — No alfabeto calcídico, que não tinha a letra **ksi**, possuía o valor duplo de **ksi** e a forma passou para o alfabeto latino com êste valor.

A origem do nome não é muito clara.

Devia ter em latim o mesmo nome do **ksi** grego. Dêste **ksi** teriam saído o espanhol **equis**, o italiano **iccasse** (fagioli), **icse** (Battisti e Aléssio) e o francês **iks**.

No espanhol antigo teve valor chiante, que ainda conserva em alguns dialetos como o **table** (Real Academia).

Tê-lo-ia também no português antigo e daí vem o som chianto inicial. Resta explicar a terminação. Viria de uma alteração do **ksi** com base neste som chiante?

No alfabeto jônio valia por **qui** e disso resta um vestígio na expressão **XPTO**, abreviação de **CHRISTOS**.

**Y** — Desapareceu do nosso alfabeto, mas ainda aparece no símbolo químico do ítrio e no do itérbio.

Vem do ípsilon do alfabeto calcídico, conservando a forma **dêle**.

Surgiu no alfabeto latino no ano 100 a. C.

**Z** — Vem do primeiro som do latim **zeta** (Ausônio), do grego **dzeta**.

Seu nome, do mesmo modo que o do **V**, formou-se por analogia com bê, cê, dê, etc.

Surgiu depois do ano 100 a. C.

A forma é a do alfabeto calcídico.